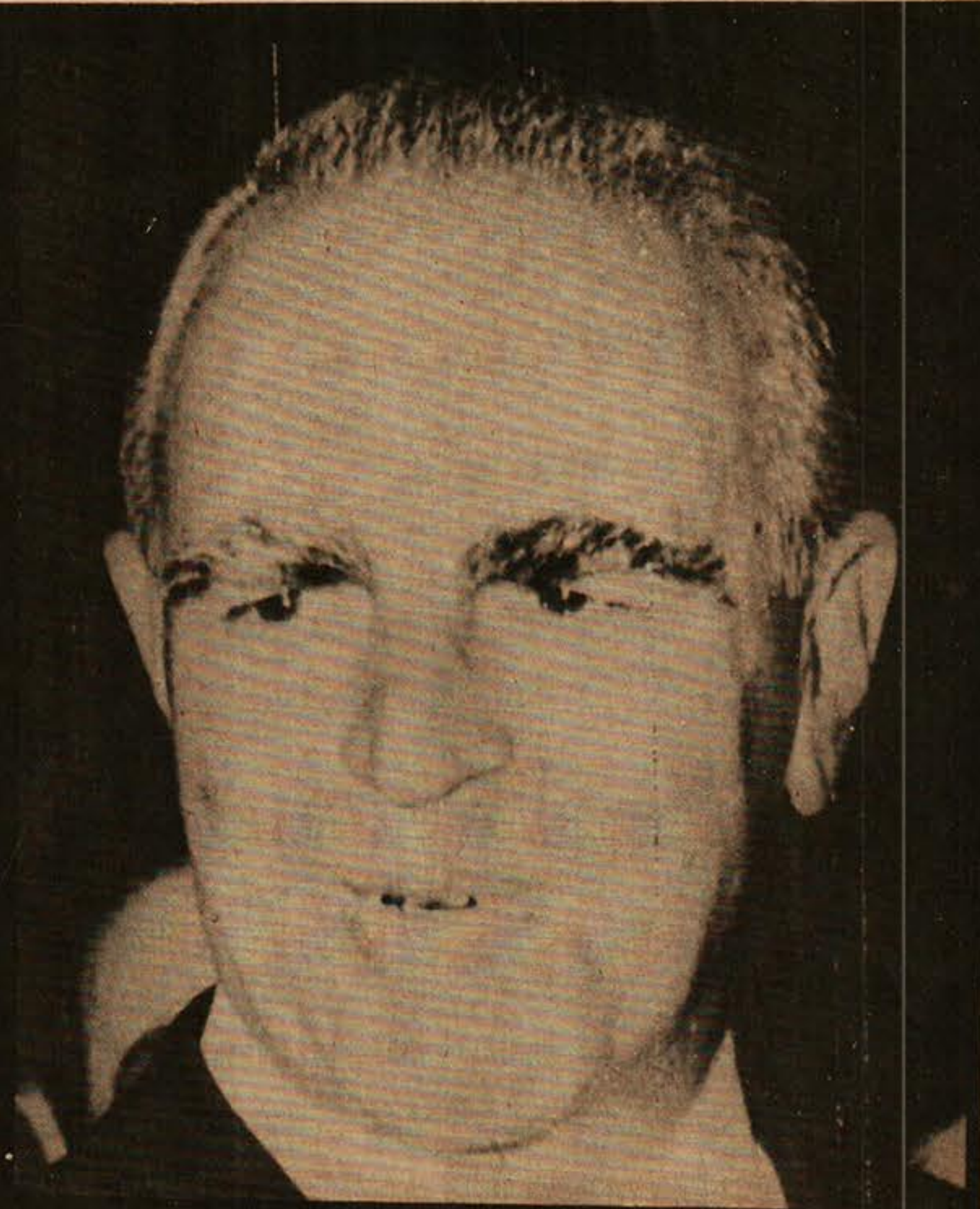


# A Grécia com um governo civil

EM CHIPRE, O NOVO PRESIDENTE RENUNCIOU

## O novo "premier" grego trará a democracia?

Apesar de não se ter, até a madrugada de hoje, falado em eleições livres na Grécia, muitos observadores internacionais consideram o novo primeiro-ministro grego, Constantino Karamanlis, de 67 anos, como capaz de reconduzir o país a um regime democrático. Recebido como um herói ontem, em Atenas, ele disse apenas no aeroporto que dedicará "todas as suas forças" a esse objetivo, declarou-se um otimista e garantiu: "Enfrentaremos com êxito a crise atual". Em meio a aclamações de milhares de pessoas, Karamanlis disse: "Eu lhes peço união e prudência, porque na vida há crises que podem ser pontos de partida para um renascimento nacional". Um conservador de centro-direita, ele não é considerado um adepto firme da monarquia, embora tenha pedido várias vezes a volta do rei Constantino ao poder. Desde 1967, manteve uma atitude de discreta oposição à ditadura militar em seu país, não se ligando, porém, a nenhum dos setores oposicionistas de esquerda ou direita. Sempre se



conservou em contato com grupos de exilados, em Paris ou outras capitais, pediu ao povo grego que votasse contra o plebiscito que, em 1973, aboliu formalmente a monarquia, e uniu-se a outros políticos para reclamar, mais de uma vez, a volta à normalidade na Grécia. Filho de um comerciante de fumos, nasceu em 1907 numa aldeia da Macedônia, no norte grego, e estudou Direito na Universidade de Atenas. Depois de breve

carreira como advogado, entrou na política em 1935, sendo eleito deputado. Ministro do Trabalho em 1946, ocupou várias pastas (inclusive a da Defesa) nos governos de após guerra, durante a luta contra os guerrilheiros aliados aos comunistas, distinguiu-se como ministro de Obras

Públicas no governo do marechal Alexandros Papagos. Com a morte deste, em outubro de 1955, o rei Paulo o chamou para formar um Gabinete. Governou durante oito anos e venceu três eleições, renunciando em 1963, após ser derrotado nas urnas por se opor a um projeto que atribuía maiores poderes ao Executivo. Pouco depois, se auto-exilou em Paris. Foi signatário dos acordos pela independência de Chipre, em 1959 e 1960.

## Glafkos Clerides, herói de guerra e negociador.

O novo presidente de Chipre, Glafkos Clerides, é um herói da Real Força Aérea britânica que, na Segunda Guerra Mundial, fugiu três vezes de campos de concentração nazistas. Com 55 anos, ele é conhecido por sua moderação, "habilidade de negociador e fator de equilíbrio entre turcos e gregos", segundo Marie Joannidis, da AFP, que o entrevistou há algum tempo, quando ele começava a aparecer em alguns círculos como possível sucessor do arcebispo Makarios. Há vários anos Clerides, presidente da Câmara dos Deputados desde a independência de Chipre, em 1960, chefiava também a delegação cipriota grega nas negociações com os representantes da minoria turca da ilha (80 e 18 por cento da população, respectivamente), e preside o Partido Unitário, que tem maioria no Parlamento. Nascido em Nicósia, ele interrompeu seus estudos de Direito no King's College de Cambridge para ingressar na Real Força Aérea britânica durante a última guerra mundial (Chipre era, então, colônia da Grã-Bretanha). Participou de várias incursões sobre o território alemão antes de seu aparelho ser abatido, em 1942. Pulou de pára-quadras, com ferimentos nas pernas, e foi capturado pelos



nazistas. Fugiu três vezes de campos de concentração, sendo preso novamente em todas. Libertado no fim da guerra, quando já se tinha informado sua família de que ele desaparecera em ação, prosseguiu seus estudos até formar-se, em

1951. Deu seus primeiros passos políticos nos tribunais de Londres como advogado de defesa dos membros da organização guerrilheira EOKA, durante a luta do povo cipriota contra a dominação britânica. Foi chefe da delegação de Chipre nas negociações de 1959 pela independência e ministro da Justiça do governo de transição que precedeu o fim do domínio colonial. A repórter Marie Joannidis afirma que ele

"sempre compartilhou a posição de Makarios no sentido de que o destino de Chipre deve resolver-se no interior da ilha". Em 1960, apoiou Makarios nas eleições presidenciais contra o único opositor do arcebispo: Ioannis Clerides, advogado, seu pai

**C**enas de bandeiras gregas tremulavam sobre a multidão que chorava, cantava, se abraçava e fazia o "V" da vitória, enquanto milhares de automóveis percorriam as ruas de Atenas buzinando e se ouviam os gritos de "Viva a democracia", "A liberdade chegou", "Somos livres", "Abaixo os torturadores": na tarde de ontem, após horas de sucessivas reuniões dos altos chefes das Forças Armadas gregas entre si e com ex-dirigentes políticos, o governo militar da Grécia anunciou que entregaria o poder a autoridades civis.

O ex-primeiro-ministro Constantino Karamanlis, que vivia há 11 anos em exílio voluntário em Paris, foi convidado a formar um governo civil de "união nacional" pelo chefe de Estado, general Fedon Gizikis, aceitou e chegou a Atenas por volta das 22 horas, aclamado por uma grande multidão. Uma hora depois, prestou juramento como primeiro-ministro, diante do arcebispo Seraphim, numa cerimônia transmitida por uma rede de rádio e televisão.

Fazia sete anos, três meses e dois dias que o povo grego não podia manifestar-se livremente, devido à lei marcial imposta quase ininterruptamente desde 21 de abril de 1967, quando um golpe militar terminou com a democracia parlamentar no país e instituiu a chamada "ditadura dos coronéis". Ontem, em compensação, o panorama era outro: "Milhares e milhares de gregos, enlouquecidos de alegria, invadiram o centro da capital à noite, depois de saber que o regime militar tinha decidido confiar o governo a civis", diz Cesare Rizzoli, da Ansa. "O contentamento popular nas ruas da capital só pode ser comparado ao sentido na Grécia quando os aliados a libertaram na Segunda Guerra Mundial", diz Alex Efty, da AP. Segundo a France Presse, o fim do regime militar produziu "cenas de alegria delirantes" e fizeram Atenas "aproximar-se do frenesi". John Rigos, da UPI, conta que "quando a notícia se espalhou por Atenas, explodiu um pandemônio".

Atenas já estava abalada nos últimos dias, especialmente ontem, pelos rumores de um golpe de Estado ou uma mudança de governo devido à crise de Chipre, onde a derrubada do presidente Makarios pela Guarda Nacional cipriota, dirigida por oficiais gregos, provocou a invasão da ilha sábado de madrugada por forças da Turquia. Antontem, porém, apesar de notícias sobre movimento de tropas, black-out e prisões, o governo desmentira energeticamente os rumores, difundidos principalmente de Ancara, na Turquia, considerando-os parte de uma "campanha antiregime".

Mas ontem o governo militar informou, oficialmente: "Tendo em vista e considerando a situação em que se encontra a pátria, as Forças Armadas gregas resolveram entregar o poder a um governo civil. Por esse motivo, convocaram ex-líderes políticos e primeiros-ministros para a realização de consultas".

O comunicado foi feito durante um receso da reunião de "emergência nacional" convocada pelo chefe de Estado, general Fedon Gizikis, e pelo comandante-chefe das Forças Armadas, general Gregorios Bonanos — na verdade, uma série de encontros. O primeiro foi de Gizikis e Bonanos com os comandantes das três Forças Armadas e outros chefes militares, inclusive, ao que parece, o general Ioannis Davos,

comandante do III Exército grego, conhecido por seu "realismo militar" e apontado, na véspera, como líder de um suposto levante para derrubar o regime. A segunda reunião incluiu sete líderes políticos de centro e de direita e um financista. Ao final, foi expedido o primeiro comunicado. O mesmo grupo de políticos e chefes militares voltou a encontrar-se novamente, depois do que, por volta das 20 horas locais (três da tarde, no Brasil), as Forças Armadas divulgaram outro comunicado, confirmando que "o país está formando um governo civil" e pedindo ao povo para "manter a calma e o auto-controle, para o bem da pátria".

A reunião de "emergência nacional" foi a primeira em que generais e dirigentes civis gregos se encontraram desde o golpe de 1967. Estiveram no palácio do governo os ex-primeiros-ministros Panayotis Kanellopoulos (moderado), Stefanos Stefanopoulos (centro), Spyros Markezinis e Georgios Athassiadis-Novas, e os ex-ministros George Mavros, Petros Garoufalas e Evangelos Averoff (que, como chanceler, negociou os acordos sobre a independência de Chipre, em 1959 e 1960), além do ex-presidente do Banco Central, Xenofon Zolotas. A esquerda não esteve representada, e o homem forte do regime, general-de-brigada Dimitrios Ioannides, que liderou a derrubada do governo do general Papadopoulos em novembro do ano passado, não participou das negociações. Ignora-se o motivo, mas antontem falava-se que ele estaria preso.

Em Paris, um porta-voz do ex-primeiro-ministro Constantino Karamanlis anunciou que o general Gizikis, por telefone, pediu que o veterano político, de 67 anos, que dirigiu a Grécia por oito anos, voltasse ao país e formasse um novo governo. O presidente Gizikis telefonou ao senhor Karamanlis, pedindo-lhe que voltasse a Atenas e formasse um novo governo. O senhor Karamanlis concordou em voltar a Atenas e partirá hoje à noite ou amanhã de manhã, em vôo especial.

As coisas, entretanto, aconteceram de forma muito mais rápida: devido à "urgência da crise que aflige a Grécia", Karamanlis decidiu partir ontem à noite mesmo, num avião posto à sua disposição pelo presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing que, segundo porta-voz do novo primeiro-ministro grego, manifestou-lhe sua simpatia e desejou-lhe "muita sorte". Karamanlis agradeceu a hospitalidade do governo e do povo francês e, no aeroporto de Orly, disse aos jornalistas: "Rezem por mim".

Em Londres, porta-voz do ex-rei Constantino informou que ele "observa" o processo político em seu país e não tem nenhum projeto para o momento. Mais tarde, o porta-voz disse que o rei conhecia o convite feito a Karamanlis.

### A FESTA

Apesar das advertências da polícia, que usava alto-falantes para dispersar as aglomerações nas ruas de Atenas, o povo se manifestou desde o anúncio da queda do governo. Milhares de pessoas gritavam "Enterramos o fascismo", "A junta caiu", "Somos livres", "Unidade", "Democracia", "Um só chefe, o povo soberano", "Viva Karamanlis". Havia multidões na principal praça de Atenas, a Omonia, diante do palácio presidencial, do antigo Parlamento e do aeroporto. Bandeiras eram agitadas, cantava-se o hino grego e uma velha canção cretense de exaltação à liberdade ("Quando o céu se abrir", pessoas dançavam, abraçavam-se e beijavam-se pelas ruas. Muitas desejavam-se "Feliz Páscoa". Maria Kotsaki, uma estudante de 18 anos, resumiu a situação para a UPI: "Estou tão feliz! Estou tão loucamente contente que não sei o que estou fazendo. Estou feliz porque a Grécia não será mais governada por muito tempo pelos generais".

**O**x-terrorista Nicholas Sampson, que derrubou o presidente Makarios há uma semana em Chipre, entrou ontem para a lista dos governantes mais efêmeros de todos os tempos: numa aparente manobra ainda não bem explicada, ele renunciou ontem ao governo da ilha, e foi substituído pelo presidente da Câmara dos Deputados, Glafkos Clerides, de 55 anos.

Clerides é o sucessor constitucional de Makarios, em caso de seu impedimento ou ausência do país e, como antigo delegado do presidente para as negociações com a comunidade minoritária turca da ilha, tem trânsito junto aos turco-cipriotas e é amigo pessoal de seu líder, o vice-presidente Rauf Denktasch, com quem já se avistou ontem.

Ao anunciar sua renúncia ao país pela Rádio Nicósia, Nicholas Sampson afirmou que tomou o poder "para unir o povo depois da revolução que derrubou o arcebispo Makarios", mas que, na atual etapa de negociações, pretendia ceder suas funções a Clerides, a quem considera muito mais experiente neste campo. "Creio", acrescentou, "que minha demissão não faz mais do que prolongar minha modesta contribuição a nosso povo heróico, atacado agora à traição pelos turcos".

A agência UPI, num despacho de Nicósia, disse que a renúncia de Sampson "está sendo interpretada como uma manobra para impedir que Makarios volte ao poder", e cita "observadores em questões cipriotas" para justificar essa versão. Por trás da manobra, estariam os militares gregos da Guarda Nacional cipriota que desfecharam o golpe contra o arcebispo.

Acontece, porém, que há alguns fatores que não se ajustam à versão. Se o golpe militar foi dado em favor de uma futura união de Chipre à Grécia (a enosis, defendida há tempos mas combatida nos últimos anos por Makarios), por exemplo, por que razão Clerides substituiria Sampson, se ele tem excelentes relações junto à comunidade turca? Além do mais, a ascensão do novo presidente foi extremamente bem recebida pela Grã-Bretanha, um dos países signatários dos acordos que levaram à independência de Chipre e favorável à manutenção do atual status da ilha como Estado soberano.

Há outros pontos: observadores em Atenas lembravam ontem que, com a posse de Clerides, cumpre-se uma das condições previstas na resolução do Conselho de Segurança da ONU para normalizar a situação em Chipre (o retorno à legalidade constitucional); Clerides, segundo vários especialistas, era visto pelo arcebispo Makarios como seu sucessor natural; finalmente, sua subida ao poder faria parte de um provável plano dos Estados Unidos para resolver a situação em Chipre — e os Estados Unidos também são contrários à enosis com a Grécia, embora não vissem com bons olhos as relações amistosas de Makarios com os países comunistas.

Assim, se a transferência da Presidência a Clerides efetivamente pode permitir que Makarios se mantenha afastado, parece ser um obstáculo claro às supostas intenções dos militares golpistas de unir Chipre à Grécia. A situação em Chipre, assim, é também muito confusa no aspecto político.

### CLERIDES EM AÇÃO

O novo presidente, de qualquer forma, já começou a agir. A embaixada cipriota em Paris anunciou, sem maiores explicações, que o próprio Clerides fez saber à ONU que exerce o poder a título interino. Em Nicósia, ele conferenciou com o vice-presidente e líder da comunidade turca, Rauf Denktash, na presença de funcionários da ONU, para discutir as medidas destinadas a consolidar o cessar-fogo na ilha. (Denktash é o vice-presidente da República mas, pela Constituição cipriota, não pode suceder o presidente, por ser representante da minoria da população, tendo outras funções. O sucessor constitucional do chefe do governo é o presidente da Câmara dos Deputados.) Antes, ele já havia mantido uma outra reunião com o comandante das forças da ONU na ilha, o general indiano Prem Chand, e com o delegado pessoal do secretário-geral Kurt Waldheim, Luis Weckmann Muñoz, a quem assegurou que faria o possível para manter "estritamente" a trégua decretada pelo Conselho de Segurança e aceita pelos governos gregos, turco e cipriota.

O novo presidente, além de ser presidente do Parlamento, é o principal dirigente do Partido Unitário — majoritário em Chipre, e que apoiava Makarios. (O arcebispo baseava sua autoridade na eleição direta e em seu prestígio como chefe da Igreja Ortodoxa em Chipre, tendo sempre se recusado a buscar apoio num só partido político e não sendo filiado a nenhum deles. Makarios só tinha a oposição da extrema direita greco-cipriota, partidária da enosis com a Grécia.)



Em Atenas, a festa pela queda do regime